

## A Medida Correta

*Uma história recontada por Eesha Sardesai*

Há muito tempo, no sudeste da China, em meio às elevadas colinas verdejantes na região de Wuyuan, vivia um homem que gostava muito de números. Qualquer coisa a que ele pudesse atribuir um valor, ele atribuía. Qualquer coisa que ele pudesse quantificar com algum floreio carregado de significado que brotasse de sua pena, ele o fazia. Gostava da clareza que os números ofereciam, da eficiência, da segurança. Apoiado pelos números, subdivididos em unidades discretas, seu mundo tinha estrutura. Tinha ordem. Fazia sentido.

Deste modo, certa noite, este homem estava sentado no chão da sua cabana, com as pernas estendidas diante de si, com um maço de papel na mão. Estava desenhando o contorno de seu pé.

Ele inclinava a cabeça para um lado e apertava os olhos, concentrado. Sua língua ficava teimosamente à mostra, no canto da boca. Devagar, devagarinho, *muito* devagar, ele guiava a caneta ao redor do calcanhar. Parou, inclinou a cabeça para o outro lado, fez o contorno da curva dos dedos com a caneta. O homem precisava de um par de sapatos novos, sabe como é, e fazia questão de que eles servissem certinho.

Quando ficou satisfeito com o fato de ter feito o contorno do pé com perfeição, o homem tirou o papel debaixo do pé e começou a medir o desenho. Era exatamente *desse* comprimento e precisamente *daquela* largura. Havia  $x$  unidades entre a ponta do pé e o calcanhar, o que significava que o arco tinha aproximadamente  $y$  unidades de comprimento. O homem verificou e reverificou sua medição e depois repetiu o processo com o outro pé.

Na manhã seguinte, assim que o sol surgiu detrás da encosta da montanha, ele partiu para o mercado. Iria caminhando até lá, e a jornada levaria várias horas, pois a aldeia mais próxima ficava a uma boa distância. Seu caminho, no entanto, o levava por trilhas poeirentas e tortuosas nas montanhas e terraços que iam ficando amarelados com flores. Aos poucos, o sol ficou mais brilhante e mais quente. Sua respiração, um pouco mais superficial.

Finalmente ele acabou chegando ao mercado. Havia um mundaréu de gente, vendedores vendendo de tudo, de comidas a sedas, a panelas de cobre, e clientes regateando com eles. Ao longe ele viu a loja do sapateiro.

Abriu caminho através da multidão e pegou a bolsa de pano que tinha amarrado à cintura. Os papéis, suas medições, deviam estar em algum lugar na confusão de coisas que ele tinha trazido. Conforme vasculhava a sacola, distinguiu os contornos da sua lancheira de vime e de um objeto longo e irregular, provavelmente seu jarro de água. Ainda apalpando a bolsa, cantarolava para si mesmo.

"É estranho", pensou, depois de alguns momentos, "não estou achando". Vasculhou o saco novamente, desta vez mais frenético. Começou a se apalpar — o peito, as coxas e até as costas. Talvez tivesse um bolso oculto dentro do qual ele, de alguma forma, inexplicavelmente, tinha colocado suas preciosas medições!

Mas não havia bolso e não havia papel nenhum. Então ele parou, bem no meio da estrada, se dando conta da amarga realidade. Ficou olhando adiante com o olhar vazio, enquanto a multidão o atropelava barulhenta.

Finalmente, o homem soltou um longo suspiro cansado, como se todo seu corpo se esvaziasse. O que fazer? Ele precisava daqueles sapatos novos. E precisava que eles se ajustassem perfeitamente. Não teria outro remédio senão voltar e pegar os desenhos.

Assim ele voltou, o mais rápido que o seu corpo cansado permitia. A paisagem pitoresca era só um borrão diante de seus olhos. Várias vezes ele se auto repreendeu. Não conseguia entender como tinha sido tão distraído, como tinha cometido um erro tão tolo. Como pôde ter esquecido suas medidas, que ele passara tanto tempo para obter com precisão?

Quando finalmente chegou em casa e abriu a porta da frente, viu os papéis exatamente onde os havia deixado na sala. Agarrou os papéis, resmungando de frustração, é claro, mas com uma espécie de alívio relutante. Então, partiu para a longa jornada, de volta para a aldeia.

Já era quase pôr-do-sol quando ele chegou novamente ao mercado. Se tivesse se lembrado de olhar para cima, teria visto as estrelas se descortinando no céu, em meio ao crepúsculo que se instalava, e como tudo estava envolto em uma aureola, um brilho violeta difuso. Mas, sendo ele do jeito que era, só se dava conta de que a aglomeração diminuía, as ruas se esvaziavam e os lojistas estavam arrumando suas mercadorias.

Foi até a loja do sapateiro, ainda ofegante, a testa brilhando de suor. Ao se aproximar, viu que a porta da loja estava fechada. Um rapazola — um aprendiz, pela aparência — estava varrendo a poeira do degrau da frente.

“Por favor”, disse o homem, suplicante, “eu preciso comprar sapatos hoje. O sapateiro está?”.

O aprendiz parou de varrer e olhou para o homem. “Sinto muito, senhor, mas a loja está fechada. O sapateiro já encerrou o expediente. O senhor vai ter que voltar outra hora.”

O homem arregalou os olhos, sem acreditar. “Mas... mas ...”, gaguejou, “você não faz ideia do que eu passei hoje!” E relatou toda a saga de suas medições, como foram maravilhosas, como as esqueceu em casa, como precisou voltar para pegá-las, e assim por diante.

O aprendiz o encarava, primeiro com uma expressão de incredulidade, depois de pena, à medida que o homem falava. “Mas, senhor”, disse, quando o homem finalmente terminou de relatar sua história, “mesmo deixando suas medições em casa, seus pés não estavam com o senhor o tempo todo?”

Esta estória se baseia em uma antiga parábola chinesa do século III a.C.



© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.